

FÉ E AMOR: AS CONTRIBUIÇÕES DAS FOTOGRAFIAS PARA RECUPERAR O PIONEIRISMO DE KOSHIRO SUZUKI NA FUNDAÇÃO DA COLÔNIA ESPERANÇA

Larissa Ayumi Sato*

Paulo César Boni**

RESUMO: A Colônia Esperança surgiu em 1935, formada por japoneses católicos que vieram ao norte do Paraná em busca de terras para cultivo. A localidade se encontra na cidade de Arapongas (PR), e surgiu (em grande parte) graças à iniciativa de Koshiro Suzuki, um imigrante que veio do Japão em 1931 para catequizar os japoneses que já estavam no Brasil. Este artigo discorre sobre o surgimento da Colônia Esperança, narra parte da história de Suzuki e investiga a importância da fotografia e sua linguagem nesse processo. Para tanto, utiliza a pesquisa bibliográfica, história oral, análise iconográfica e interpretação iconológica de fotografias da época. Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de dissertação de mestrado da autora. Ao final deste texto, espera-se tornar conhecidos tanto o pioneiro quanto a comunidade e demonstrar a importância de imagens fotográficas para o resgate histórico dos anos iniciais deste reduto japonês no Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: História de Arapongas, PR; Colônia Esperança; Fotografia; Koshiro Suzuki.

FAITH AND LOVE: PHOTOGRAPHY CONTRIBUTIONS ON RECOLLECTING KOSHI-

* Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL; Jornalista. E-mail: lari_sato@yahoo.com.br.

** Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP; Coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br.

RO SUZUKI'S PIONEERING SPIRIT AT COLÔNIA ESPERANÇA FOUNDATION

ABSTRACT: Colônia Esperança appeared in 1935, organized by catholic Japanese who came to the north of Paraná searching for soil to cultivate. It is located in the city of Arapongas (PR), and appeared (mostly) thanks to Koshiro Suzuki's initiative, an immigrant that came from Japan in 1931 to catechize Japanese people that already were in Brazil. This article discourses about the rise of Colônia Esperança, narrates part of Suzuki's history and investigates the importance of photography and its language in this process. For that, it uses bibliographical research, oral history iconographic analysis and iconological interpretation of photographs from that epoch. This work presents partial results from the author's master's degree research dissertation. Through the end of this text, it's expected to make known both the pioneer and the community and to demonstrate the importance of photographic images for the historical rescue of the initial years of this Japanese redoubt in Paraná.

KEYWORDS: History of Arapongas, PR; Colônia Esperança; Photography; Koshiro Suzuki.

1 SHIN AI SHOKUMINCHI, OU COLÔNIA ESPERANÇA

Antes mesmo de estar demarcada a terra destinada a se transformar na cidade de Arapongas, em 1934, passou por aquela região um jovem que buscava uma localidade para formar uma comunidade de japoneses católicos no Brasil. Uma grande área, de cerca de mil alqueires, com águas próximas e novas perspectivas chamaram a atenção de Koshiro Suzuki, missionário japonês que veio catequizar em terras brasileiras. E assim começa a história da Colônia Esperança, no norte do Paraná, que se entrelaça em diversos pontos com a história pessoal de Suzuki e de muitas outras famílias que ajudaram a colonizar e a formar esta comunidade.

Da união entre a fé (em japonês, *shin*) e o amor (*ai*), nasce a esperança. A comunidade que surgiu destes dois sentimentos é a Colônia Esperança. Tanto amor e fé fizeram Suzuki não querer mais voltar ao Japão: “minha terra é aqui” (ALVES, 1993, p. 10), dizia ele, pouco antes de deixar este mundo.

O objetivo deste estudo é contar – setenta e três anos após a chegada das primeiras famílias na região – como nasceu a Colônia Esperança, e qual a relevância do pioneirismo de Suzuki para esta localidade a partir de fotografias de arquivo da Igreja Sagrado Coração de Jesus. Para sustentar o trabalho, utilizam-se relatos orais, pesquisa bibliográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica.

2 BASES TEÓRICAS

Ao longo de toda sua história, a Colônia Esperança foi sendo modificada e transformada, principalmente por meio da ação dos pioneiros que abriram caminhos em meio à mata fechada. Naquele momento, em que todos estavam mais preocupados em sobreviver, não era comum produzir registros com o intuito de guardar documentos históricos para a posteridade. No entanto, já havia certa cultura da imagem – as atividades na nova terra, mesmo que em pequena escala, foram retratadas por lentes fotográficas.

Assim, uma das fontes de pesquisa para o resgate dos detalhes desta época é a imagem fotográfica. Esta mídia, cada vez mais utilizada para reconstituir cenários, rever detalhes e situações da história, também é de grande importância ao relatar sobre a Colônia Esperança, para a busca de “pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador” (KOSSOY, 2007, p. 41), especialmente devido aos muitos anos decorridos dos acontecimentos impressos nas imagens.

Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos), e que, acrescidos, de informações de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. Um conjunto de informações escritas e visuais que, associadas

umas às outras, nos permitem datar, localizar geograficamente, identificar, recuperar enfim, micro-histórias de diferentes naturezas implícitas no documento. (KOSSOY, 2007, p. 41)

Essa é uma linha de estudos cada vez mais utilizada – são as fotografias tomadas como “documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura, e também como uma forma simbólica que atribui significado às representações e ao imaginário social” (BORGES, 2005, p. 73). O poder das fotografias é reforçado no posicionamento de Paiva (2006, p. 19), para quem “a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente. E é por isso que ela não se esgota em si”.

A partir dessas fotografias, a metodologia empregada é a da análise iconográfica e interpretação iconológica. Para Kossoy (1999, p. 58-60), a análise iconográfica é o ato de decodificar as informações explícitas e implícitas no documento fotográfico e no suporte que o contém. É a busca da recuperação do inventário de informações codificadas na imagem. Uma análise que possui caráter descritivo, e revela os detalhes icônicos gravados na fotografia.

No caso da interpretação iconológica, o que se faz é resgatar, na medida do possível, a história do próprio assunto. Busca-se decifrar a realidade interior da representação fotográfica, sua face oculta, seu significado, além da verdade iconográfica. No entanto, um “problema” comum às imagens obtidas até aqui é que trata-se de fotografias sem data ou mesmo identificação. Sob a ótica de Leite (2001, p. 164), este fator implica maiores cuidados, na medida em que

a fotografia anônima é única e jamais semelhante. É encontrada sem legenda e sem dedicatória e tem de se exprimir sem palavras complementares. Como não pode ser identificada obriga os historiadores oficiais a aprender a olhar, a sentir e a captar com modéstia diante do acaso, que leva o invisível ao domínio do visível.

Este aprendizado passa ainda pela contextualização das fotografias utilizadas como evidência histórica e pela crítica da fonte – o uso criterioso das informações e da procedência das imagens (BURKE, 2004, p. 27-30).

Outro ponto é a utilização de entrevistas – a história oral – para complementar as informações obtidas através das imagens. Meihy (2002, p. 146) defende a utilização de relatos aliados a outros documentos, e “mesmo considerando que ela é narrativa de uma versão do fato, pretende-se que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão discutível ou contestatória”.

3 O SURGIMENTO

De acordo com Inácio Suzuki¹, filho mais velho de Koshiro, a ideia de formar a Colônia tinha alguns propósitos. Em seus tempos de catequista na região oeste de São Paulo, Koshiro Suzuki percebeu que havia muitas mães novas e crianças falecidas no cemitério. O catequis-ta ficou intrigado, e se questionou sobre a causa de tantas mortes. Somente tempos depois é que descobriu a existência da malária - a causa de tantos óbitos. “Na época, não havia remédio para controlar essa doença”. Pensou, então, em encontrar um lugar onde não houvesse este mal.

Outra observação de Koshiro era que os japoneses que vinham da mesma região no Japão costumavam fixar-se próximos uns dos outros. Como consequência, no decorrer dos anos, os casamentos acabavam se realizando entre parentes, e as crianças começaram a nascer com problemas devido a esse parentesco. Por ter estudado, pensou também em “misturar um pouco” esse pessoal, para que os casamentos ficassem mais “longe” e evitassem esse tipo de transtorno.

Em conversas com o padre Emilio Krueger, Koshiro ouviu histórias sobre o Paraná. “Estavam abrindo uma região de terra vermelha, terra muito boa, onde tinha bastante água”, de acordo com Inácio Suzuki. Como a água está relacionada à transmissão da malária, Koshiro partiu

1 Entrevista concedida à autora em 13 de junho de 2008.

para verificar aquelas terras. Mesmo estando no estado de São Paulo, ouvira falar de Hikoma Udihara, agenciador que negociava terras com os japoneses pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).

Para chegar ao norte do Paraná, pegou carona no veículo pé de bode guiado por Zenji Watanabe, que levava o cinema ambulante. Watanabe trazia para os japoneses da região filmes que eram fator importante, nas palavras de Inácio, para “carregar as baterias do espírito japonês. Para não perder esse espírito”. Koshiro seguiu com Watanabe até Cambará, e depois chegou a Londrina, onde a CTNP possuía um escritório. Hikoma Udihara o trouxe para conhecer a região que ainda era território de Londrina. 1934 era a época da demarcação dos lotes de Arapongas.

Havia ainda um engenheiro agrimensor da descendência, Kuma, e eles indicaram as terras do rio Pirapó, localidade alta, “uma região boa, onde hoje é a Colônia Esperança”, segundo Inácio Suzuki. O único acesso àquela localidade na época era a estrada do Pirapó, conhecida hoje como Ponte Seca.

E como perguntar sobre a incidência de malária, se ninguém sabia? A solução encontrada por Koshiro foi pousar algumas noites na beira do rio e virar “isca” para os mosquitos. Como não sentiu os sintomas – que, sabia, eram febre e tremeadeira, “confirmou no corpo dele que não havia malária nesse local”, ressalta Inácio Suzuki. Nas palavras de Souza (1996, p. 280), “não estaria arriscando a vida de ninguém.”

3.1 DE YAMAGATA PARA A COLÔNIA ESPERANÇA

A terra natal de Koshiro Suzuki é Yamagata, no Japão. Nasceu em 21 de agosto de 1902, filho de Yagoemoh e Mitsu Suzuki (SOUZA, 1996, p. 276). Saiu do interior para se tornar Guarda do Palácio Imperial em Tokyo por dois anos.

Um motivo de orgulho para um jovem de 21 anos, pois a seleção para este posto era bastante rigorosa, exigindo bons antecedentes do reservista. Como guarda do Palácio, Koshiro conta que realizou diversas viagens com a comitiva real. Conhecer Tóquio

e outros centros importantes do Japão fez o jovem do interior descobrir que o horizonte ia bem além do que a sua vista alcançava (ALVES, 1993, p. 10).

Após este período, estudou eletrotécnica em um colégio católico – foi um dos únicos da família a se formar na faculdade, segundo Inácio Suzuki. Durante os estudos, conheceu os padres jesuítas Darmann, Roibir e Tsuchihashi Chiota, e encantou-se com a história de São Francisco Xavier – missionário, catequista, evangelizador. Começou a estudar filosofia e teologia, e decidiu se converter ao catolicismo.

O pai de Koshiro Suzuki ocupava alto cargo na estrutura budista da cidade, e com a decisão favorável do filho ao catolicismo, foi deserdado. “Então abraçou o sonho de se tornar missionário e veio para o Brasil em 1931, catequizar as centenas de famílias japonesas que trabalhavam no interior paulista” (MORRE..., 1993, p.6).

Chegou com um ideal de formar uma colônia católica de japoneses. Antes disso, com os conselhos e indicação do padre Roibir, o trabalho missionário começou em São Paulo, junto aos jesuítas, lecionando japonês no colégio São Francisco Xavier.

Após este período, o destino foi a cidade de Gonzaga, oeste paulista, sede da missão no interior – sob a responsabilidade do Padre Emilio Krueger – para atuar como catequista. Mas sentia o chamado para um desafio maior (ALVES, 1993, p. 10). Era uma região em que predominavam japoneses vindos de Fukuoka, e a exceção era a família de Rikitaru Maruo, de Nagasaki. Essas famílias “ouviram notícias de que no Paraná havia terras roxas mais férteis que a região arenosa de São Paulo.” (SOUZA, 1996, p.277). Mais um motivo para ir conferir o que aquelas terras possuíam para atrair tanta atenção.

“Plantou esperança nos colonizadores japoneses e partiu para a parte mais difícil de sua missão: conseguir a terra e enfrentar os desafios da mata hostil.” (ALVES, 1993, p. 10). De volta a Gonzaga, Koshiro relatou ao padre Krueger a fertilidade da terra vermelha, depois de ver os cafezais de Cambará. Reuniram a comunidade japonesa e contaram a esperança de promissoras terras, ao mesmo tempo em que divulgavam no jornal da capital a ideia de formar uma colônia de

japoneses católicos no norte do Paraná. Para Inácio, “Deus iluminou a cabeça dele como Abraão à procura de uma terra nova.”

3.2 PRIMEIROS PASSOS NA NOVA TERRA

O acordo fechado entre Koshiro Suzuki e Hikoma Udihara previa mil alqueires para a colônia. Sem condições de comprar todos aqueles terrenos, a Companhia de Terras propôs que ele ajudasse na venda dos sítios para os japoneses. A cada cem alqueires vendidos, a CTNP lhe daria um. Somente após a venda destes mil alqueires é que aceitou os 10 alqueires a que tinha direito, e os doou para a construção da igreja. A única exigência era que lhe fossem reservados 10 alqueires ao lado da igreja – quando pudesse pagar, tomaria posse. A colonizadora concordou com o pedido e, anos mais tarde, saldaria o valor do lote com o seu trabalho (SOUZA, 1996, p. 281).

No retorno ao norte do Paraná, Koshiro Suzuki veio acompanhado de Momotaro Kawazaki e Shoji Sakate. Começava, assim, a luta árdua para a formação da Colônia Esperança, o período que mais marcou Koshiro, em termos de sofrimento. Nos primeiros anos na mata densa, era preciso abrir caminhos, um trabalho estafante. Além disso, por não ter lugar para dormir, subia em grandes árvores e amarrava seu corpo com cipós para não cair quando o sono viesse. Para aumentar a segurança, acendia uma fogueira embaixo da árvore para afastar os animais ferozes que ali transitavam (SOUZA, 1996, p. 280).

A primeira medida dos católicos japoneses, assim que limparam uma pequena clareira na mata, foi erguer a cruz de peroba bruta. Com este tipo de madeira, ergueram ainda um pequeno templo coberto com folhas de palmito. Além disso, para marcar o início da vivência católica na colônia o padre Emílio Krueger celebrou a primeira missa da comunidade japonesa em 13 de setembro de 1936.

A habitação da Colônia começou no dia 5 de maio de 1935, data gravada em um monumento erguido nos jardins da Igreja Sagrado Coração de Jesus. As primeiras famílias a chegar, em 1936, foram Yurio e Haruyoshi Hasegawa, Suezio Okuyama, Shinzu Suzuki, Takeo

Yokuyama, Kentaro Hirata, Minoru Tamura, Uiti Hirata, Zenzo Aoki, Ruiiko Hirata, Wataru Matsuo, Tomio Handa e Seigo Sagae.

De acordo com Igarashi (2005, p. 190), os pioneiros da colônia eram “provenientes principalmente das províncias de Nagasaki e Kumamoto e dos arquipélagos de Goshima e Shimahara Hantô, onde eram tradicionais cristãos de mais de 100 anos”.

Cada proprietário poderia adquirir lotes com tamanho entre 5 e 15 alqueires, de acordo com Inácio Suzuki, para que pudessem entrar o maior número possível de pessoas e formar logo a comunidade. Com o tempo, os moradores foram se organizando e ergueram a igreja de madeira, organizaram um grupo escolar para os filhos e a associação de moradores, dirigida por Koshiro Suzuki.

3.3 OUTRAS MUDANÇAS

Koshiro Suzuki casou-se em 1941. O padre Uti, alemão, contactou uma japonesa em São Paulo para se casar com o pioneiro – era Teresa Itsuko Abe. Na época, como era costume entre os nipônicos, o pai da noiva decidia o casamento. O casal se viu apenas duas vezes antes da cerimônia, e ficariam juntos por mais de 50 anos. Tiveram seis filhos: Inácio, Ludovico, José, Bonifácio, Verônica e Maria.

Mas a Segunda Guerra Mundial foi o evento que trouxe sérias modificações, principalmente no comportamento do grupo e no que se referia à utilização da língua japonesa. O sofrimento se dava tanto pelo conflito em si como pelas mortes entre dois povos irmãos, notadamente para Koshiro Suzuki, que ainda possuía familiares no Japão. E havia ainda as restrições que os japoneses do Brasil passaram a sofrer.

A pior delas foi a proibição de falar a língua japonesa (ALVES, 1993, p. 10). Temiam represália dos brasileiros caso falassem o único idioma que conheciam na época. Inácio Suzuki conta que mesmo no pós-guerra, por volta de 1946, ouvia-se dizer que “a polícia ia vir, e era para esconder tudo”. Armas, livros, fotografias. Qualquer referência ao Japão era enterrada nos fundos dos sítios. Comenta-se que

até hoje alguns descendentes de famílias daquela época, quando estão lidando com a terra, encontram objetos escondidos.

Mas as dificuldades não se encontravam somente em terras estrangeiras. O cotidiano em um lugar recém-povoado também se mostrava muitas vezes hostil. Tarefas consideradas corriqueiras hoje em dia, como ir ao médico ou enterrar os mortos, demandavam grandes esforços. A caminhada era longa – mais de 40 quilômetros em meio à mata até Londrina. Posteriormente a distância diminuiu. Ainda assim, o sepultamento deveria ser feito em Rolândia.

3.4 IMAGENS DA COLÔNIA



Figura 1. Clareira aberta pelos desbravadores em 1935, na (atual) Gleba Pirapó.

Fonte: Acervo Igreja Sagrado Coração de Jesus

Fotógrafo: Desconhecido

Esta imagem (figura 1) foi tomada em plano geral – que tem a capacidade de situar a ação e o homem no ambiente em que ocorre a ação (BONI, 2000, p. 66-67). Por sua característica descritiva, revela-se a abertura da mata virgem da Gleba Pirapó, em meados de 1935. Há floresta fechada ao fundo, à esquerda, araucárias nativas, também ao fundo e à direita, e a clareira aberta pelos desbravadores. Há cinco

pessoas em pé, uma sentada ao lado do tronco de árvore e uma estrutura prévia já montada: uma barraca armada, alicerçada por um tronco esguio, e um pequeno barracão de madeira já construído. À esquerda, muitos galhos, provavelmente retirados das árvores que serviriam de base para a construção da habitação. Era o começo da colônia.

Aprofundando o significado da imagem por meio do scanning defendido por Flusser (2002, p. 7-8), que é o ato de vaguear pela superfície da imagem, é possível realizar outras inferências, unindo conhecimentos históricos e reflexões sobre o conteúdo, que resultam na análise iconográfica descrita por Kossoy (2001, p. 95-96). Pela clareira e pelo acampamento montados, infere-se que os trabalhos já estão acontecendo há certo tempo. Tomando por base o tamanho das araucárias à direita, e relacionando com o pessoal no acampamento, pode-se ter uma base da altura a que chegavam as árvores naquela época.

Outro fator interessante a ser notado é a presença apenas de homens nestes trabalhos de abertura. Abrir caminhos em meio à mata virgem era tarefa árdua, relegada aos homens. Somente depois de construir alguma estrutura mínima é que chamavam as famílias para as novas terras.

Por cenas como esta é que se confirma a importância deste uso das imagens como fonte de pesquisa, já que “permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida” (HASKELL apud BURKE, 2004, p. 17). Mais informativa do que o relato oral ou escrito, ela proporciona um ponto de vista acerca do desbravamento da história da Colônia Esperança. São evidências históricas, registros de atos de testemunha ocular.

Nesta fotografia (figura 2, p. 22), também, provavelmente do início dos trabalhos na comunidade, retrata-se o retorno ao acampamento após a caça. Ao fundo, algumas araucárias, árvores típicas da região sul. Os pioneiros exibem dois animais caçados na mata, que, juntamente com frutos, constituíam a base da alimentação na época. Após a derrubada de árvores, com a abertura de clareiras, já foi possível armar um abrigo coberto de palha, provavelmente de palmito.

Os indícios presentes nas fotografias permitem a descoberta de pistas de eventos não diretamente experimentáveis por quem observa a imagem (KOSSOY, 2007, p. 41), reforçados pela riqueza de detalhes



Figura 2. Animais silvestres eram a base da alimentação dos desbravadores.

Fonte: Acervo Igreja Sagrado Coração de Jesus

Fotógrafo: Desconhecido

revelados pelo plano médio de tomada desta imagem, que pressupõe a integração harmônica entre o homem e o ambiente, segundo Boni (2000, p. 68-69).

Exemplo desta afirmação se nota nas roupas dos homens que vieram ajudar a abrir a mata na Colônia Esperança. Camisas de mangas compridas eram necessárias, já que a região era fria e havia muitos insetos, devido à mata fechada. Calças compridas também eram elementos obrigatórios, e os chapéus quase sempre estão presentes. Os calçados usados eram botas, a maioria de cano alto, para melhor proteção contra o desconhecido.

A arma, provavelmente uma espingarda, era necessária para a caçada e enfrentar os perigos desconhecidos da nova região. A caça era presa pelas patas em um tronco, para que o peso pudesse ser dividido entre duas pessoas, até que fosse possível retornar ao acampamento. Os animais aparentam ser porcos do mato, ou mesmo macacos. Também há um balde de lata à direita da imagem, que poderia ser utilizado para buscar água ou armazenar comida, por exemplo. O chão de terra apresenta cascas de árvores, que devem ser restos da limpeza de troncos.



Figura 3. Desbravadores à margem de um córrego (provavelmente o Rio Pirapó).

Fonte: Acervo Igreja Sagrado Coração de Jesus

Fotógrafo: Desconhecido

O uso da imagem fotográfica como instrumento de pesquisa pressupõe que “toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente” (KOSSOY, 2001, p. 45). Ou seja, é um retrato de um ponto de vista de um determinado episódio. Na figura 3, percebe-se uma imagem que demonstra como a mata era fechada.

Uma pequena queda d’água, provavelmente próxima à região onde está a igreja. Três homens estão posando para o fotógrafo, e é possível ver também alguns cipós na parte superior. Pelo tipo de folhagem às margens do córrego, pressupõe-se uma considerável diversidade de espécies vegetais. Este, muito provavelmente, é o Rio Pirapó, a fonte de águas que tanto animou (pela possibilidade de sobrevivência e plantio no local) quanto preocupou (devido à ameaça da malária) Koshiro ao chegar ao local da futura Colônia Esperança.

É também possível caracterizá-la como sendo de plano médio, de interação entre sujeito e meio ambiente, e que mostra detalhes como o cigarro que um dos homens da imagem tem na boca, o que indica que, mesmo sendo cigarro de palha, o costume de fumar já existia em meados de 1935, ainda que fosse apenas para espantar insetos com a fumaça.

Com a observação deste conjunto de imagens (figuras 1, 2 e 3), também pode-se notar que só existem pessoas magras nesta época. O trabalho pesado e braçal, muitas vezes executado sem a ajuda de equipamentos e máquinas sofisticadas, era garantia de alto gasto caló-



Figura 4. Família Suzuki com o padre Emílio Krueger.

Fonte: Acervo Igreja Sagrado Coração de Jesus

Fotógrafo: Desconhecido

rico e não permitia que as pessoas ficassem acima do peso facilmente, como ocorre na atualidade. São imagens que explicitam o ambiente e as condições hostis que se apresentavam aos desbravadores, e que dimensionam parte dos trabalhos que precisaram ser executados para que o local se tornasse habitável e também cultivável.

A imagem da figura 4 é de alguns anos depois, quando o pioneiro já tinha família constituída. Esta fotografia mostra Koshiro Suzuki, Teresa Itsuko Suzuki, dois filhos – provavelmente Inácio e Ludovico –, e o padre Krueger. Fotografia de família, posada. Retrato típico, provavelmente de 1945-46, já que Inácio é de 1942 e aparenta ter, na fotografia, de 3 a 4 anos. O chão ainda é de terra, e observa-se mata ao fundo.

Era comum às pessoas arrumar-se para tirar fotografias, ainda mais se fosse ao lado de um padre. Observa-se ainda uma hierarquia: o religioso ao centro, figura admirada, principalmente nas comunidades católicas; à direita, o pai de família, e a esposa do lado esquerdo, com as crianças em frente aos pais. Não se observa, como nas imagens posadas dos dias atuais, sorrisos – talvez pelo tempo prolongado de exposição que tirar fotografias exigia, de acordo com Leite (2001, p. 87).

As crianças, mesmo tendo diferença de idade, trajam roupas semelhantes e têm até o mesmo tipo de corte de cabelo. Os meninos usam, provavelmente, sandálias com meias nos pés. As calças curtas, pode-se dizer, eram trajes apenas admitidos para crianças. Teresa usa camisa de mangas compridas e saias, comuns às mulheres.

O sentido de se fazer retratos como este, em que a família está reunida, é a utilização para reforçar a integração familiar, de acordo com Leite (2001, p. 87). Os gestos de conservar e contemplar as fotografias conferem-lhes “o teor de ritual de culto doméstico”, em que se observa a recorrência da disposição das pessoas e da estética da imagem.

Em retratos de família é possível observar a imagem da continuidade da linhagem e reconhecer a necessidade profunda de fixar a experiência vivida e, neste caso, relatar também a proximidade da família com a igreja (representada pela figura do padre), tão fundamental na vida destes pioneiros. É o poder da imagem como sustentáculo da memória (KOSSOY, 2007, p. 107).

Koshiro Suzuki morou e trabalhou na Colônia Esperança até 1991, quando comemorou bodas de ouro ao lado de Teresa Itsuko. Viveu para ser homenageado e ver seu trabalho reconhecido em um monumento que se encontra nos jardins da igreja da localidade que ajudou a construir. Faleceu em 1993, aos 91 anos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo preliminar buscou reiniciar a discussão sobre a relação entre a história da Colônia Esperança e Koshiro Suzuki por meio do uso de fotografias. Juntamente com relatos orais, as imagens confirmam a ligação entre o pioneiro e a existência da comunidade japonesa. Além disso, somam-se a este trabalho esforços de organização e disseminação de imagens que ajudem a contar e documentar este período da história da localidade, também apenas em fase inicial, mas baseado no princípio de que “a necessidade de reproduzir e fixar a experiência vivida encontrou nas facilidades da fotografia um meio de se satisfazer” (LEITE, 2001, p. 86). Devido a esse caráter de resgate do passado, as imagens fotográficas são de fundamental importância neste processo, tanto no que diz respeito a recriar os ambientes quanto como ferramenta de avivamento da memória daqueles que participaram desta história.

De um lote de terras na Gleba Pirapó, entre as cidades de Arapongas e Apucarana (PR), surgiu a Colônia Esperança. A esperança de um missionário japonês frutificou-se, com fé e amor, em forma de uma comunidade unida e organizada. Em grande parte, tudo isso foi possível pela determinação dos pioneiros. Esse modo de trabalhar e pensar de quem veio da terra do sol nascente pode ser resumido pelo significado da expressão gambaré:

em japonês, significa suportar todas as adversidades, numa aceitação resignada do destino. – Apesar de alimentar uma esperança de uma vida melhor, desenvolve-se a necessidade de um trabalho incessante e de um despojamento total. Nada de luxos ou supérfluos (LEITE, 2001, p. 135).

Para chegar aonde chegou, o povo japonês trabalhou dessa maneira. E assim foi no Brasil, no Paraná, e também na Colônia. Com este espírito de luta, a união dos pioneiros na associação de moradores e a vontade de vencer na nova terra, além dos esforços de Koshiro Suzuki, nasceu este lugar considerado por Igarashi (2005, p. 189) o “orgulho da comunidade japonesa”: Shin Ai Shokuminchi – a Colônia Esperança. Este era para ser mais um reduto de japoneses católicos no norte do Paraná, mas a comunidade cresceu e se expandiu, e hoje abriga descendentes das mais variadas nações.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. A luta pela sobrevivência na mata. **Folha de Londrina**, Londrina, Caderno Paraná, p. 10, 24 jan. 1993.

BONI, P. C. **O Discurso Fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/ Universidade de São Paulo, 2000.

BORGES, M. E. L. **História e Fotografia**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2002.

IGARASHI, T. **História da Imigração Japonesa no Paraná**. Londrina, PR: Ed. do autor, 2005.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**. O efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 1999.

LEITE, M.M. **Retratos de família**. 3. ed. São Paulo, SP: Edusp, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo, SP: Loyola, 2002.

MORRE o fundador da Colônia Esperança. **Folha de Londrina**, Londrina, Caderno Paraná, p. 6, 02 mar. 1993.

PAIVA, E. F. **História e Imagens**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

SOUZA, N. V. **Pioneiros de Arapongas**. Semeadores do Progresso. Arapongas, PR: Ed. da autora, 1996. v. 1.

Recebido em: 26 Junho 2009

Aceito em: 15 Julho 2009